

UBALDINO FARIAS DE BARROS

Rousseau – a origem das desigualdades

1ª Edição

Jonas Farias de Barros

**São Paulo
2014**

A origem da desigualdade.

1. Introdução

Jean Jaques Rousseau nasceu em 1712 em Genebra e faleceu em 1778, aos 66 anos de idade. No ano de 1753, aos 41 anos de idade, escreveu este magnífico discurso, com o intuito de concorrer ao prêmio da Academia de Dijon, que outrora em 1749, já havia vencido, discorrendo com o seguinte tema: *Discurso sobre as ciências e as artes*. Porém o atual trabalho, não ganhou o prêmio, embora tenha sido uma de suas maiores obras.

Rousseau, além de compor o grande time de iluministas franceses, ao lado de Diderot, d'Alembert e Voltaire, ajudou também na colaboração do movimento enciclopedista.

2. Desenvolvimento

Rousseau elabora o Discurso da desigualdade, em três partes: Dedicatória – a República de Genebra, Prefácio e por fim o discurso sobre a desigualdade. Rousseau na realidade queria neste livro fazer uma sucessão de críticas, as quais resumidamente pode-se elencar:

2.1 Uma crítica ao especismo humano

Em vários trechos do livro, o filósofo advoga que se não é correto maltratar a bel prazer outro homem que seja mais frágil, o mesmo não deve ser feito aos animais, pois se aos homens lhes cabem à razão e aos animais a irracionalidade, mas tanto num como noutro há sentimentos, os quais devem ser respeitados e que as diferenças entre homens e animais são na realidade mínimas, havendo mais diferenças entre os homens entre si, do que entre homens e animais. Que aqueles que negavam que os animais não tinham nem ideias e nem sentimentos, enganavam-se, pois bastaria ver e a entrada do gado ao matadouro e ouvir seu mugido de desespero (Rousseau, s.d, p. 35; 55 e 76). Vejamos os principais fragmentos:

Parece, com efeito, que, se sou obrigado a não fazer nenhum mal a meu semelhante, é menos porque ele é um ser racional do que porque é um ser sensível, qualidade que, sendo comum ao animal e ao homem, deve ao menos dar a um o direito de não ser maltratado inutilmente pelo outro...

Todo animal tem ideias. Pois tem sentidos; combina mesmo as ideias até certo ponto: e, sob esse aspecto, o homem só difere do animal do mais ao menos; alguns filósofos chegara a avançar que há mais diferença entre um homem e outro do que um homem e um animal... os tristes mugidos do gado, ao entrar no matadouro, anunciam a impressão que ele recebe do horrível espetáculo que o comove (Rousseau, s.d, p. 35;55 e 76).

2.2 Uma crítica ao Contrato Social de Hobbes

Hobbes procurava justificar a saída do Estado de natureza, como um estado de medo, constituído pela competição e desconfiança, o que provocava o medo e levava a Guerra de Todos contra Todos. A saída do homem seria entregar sua liberdade a um soberano (Rei) o qual zelaria pela paz e segurança de todos os súditos. Mas é nestes quesitos que Rousseau se opõe, já que vai descrever o Estado Civil, como um declínio, aos homens, porque lhes tira a liberdade tornando-os escravos do trabalho, da moralidade, dos luxos, etc. Que o estado de natureza é o lugar que o homem sabe o que é a liberdade. Conforme Rousseau expressa: “*A Natureza cria os homens livres, mas a desigualdade é criada pelo próprio homem*” (Rousseau, s.d. p 12). Vejamos:

Daí saiu as guerras nacionais, as batalhas, os assassínios, as represálias, que fazem estremecer a natureza e chocam a razão, e todos esses preconceitos horríveis que colocam na categoria das virtudes a honra de derramar o sangue humano. A gente mais honesta aprendeu a contar entre os seus deveres o de cortar o pescoço dos semelhantes: têm-se visto, enfim, os homens se massacrarem aos milhões sem saberem por quê; e cometem-se mais assassínios em um só dia de combate e mais horrores na tomada de uma só cidade do que no estado de natureza, durante séculos inteiros, sobre toda a superfície da terra (Idem, p.?)

Para Rousseau é difícil pensar num Estado de Natureza, pois por mais que se levantem bons argumentos falaremos apenas de algo hipotético. Pensar no Estado de Natureza é pensar no homem primitivo, mas não naquele que parecia com uma besta por ter o corpo coberto de pelo, andar de quatro e unhas compridas, mas sim no homem como exatamente o vemos, ou seja, um ser que anda com dois pés, que é ereto e capaz de refletir (Idem, p. 41-43passim). Assim Rousseau o descreve: “*Hei de supô-lo sempre tal como o vejo hoje, andando com dois pés, servindo-se de suas mãos como fazemos com as nossas, dirigindo o olhar para toda a natureza e medindo com os olhos a vasta extensão do céu*” (Idem, p. 44).

Rousseau detalha ainda este homem, como não sendo nem o mais forte nem o mais frágil ser da natureza, mas sim um ser que se adaptou muito bem à natureza. É capaz de suportar as intempéries da natureza, como excesso de frio e calor. É capaz de escalar habilmente uma árvore para fugir dos predadores. É capaz também de enfrentar ferozmente um predador e rapidamente torna-se autossuficiente não mais precisando dos cuidados dos pais. Em suma: o homem no Estado Primitivo é um forte. Ao mesmo tempo relata que no Estado Civil, os homens são frágeis, adoecem com facilidade e os filhos já nascem onerosos aos pais (Idem, p. 45). Vejamos como ele expõe:

A natureza faz precisamente com eles o que a lei de Esparta fazia com os filhos dos cidadãos: torna fortes e robustos os que são bem constituídos e faz morrer todos os outros divergindo nisso das nossas sociedades, em que o Estado tornando os filhos onerosos aos pais, os matam indistintamente antes do nascimento (Idem, p. 45).

Como deu para perceber, Rousseau expõe argumentos para refutar Hobbes, para o filósofo francês a natureza primitiva, que não conhecia a desigualdade, mas que a mesma veio a ser conhecida no Estado Civil, o qual criou uma série de moralidade, como a riqueza duelando com a pobreza e os homens poderosos oprimindo os fracos (Idem p. 36). Isto posto, Rousseau descreve duas espécies de desigualdades, a saber:

I – Física: Deficiência, doença, velhice;

II – Moral: Aquela que ocorre exclusivamente no Estado Civil, a qual obriga os pobres honrarem os ricos, que segrega classes e assim sucessivamente;

Rousseau continua argumentando que o Homem do Estado Civil acredita que a posse da Indústria, a capacidade de domesticar animais e de criar armas lhe põe em vantagem num conflito com o selvagem, mas o homem do estado civil é fraco, lento e inábil, não sendo capaz de escalar a mais simples das árvores, ao passo que o selvagem escala rapidamente qualquer espécie de árvore, tem força suficiente para lançar uma pedra de forma tão mortal sem precisar ter consigo nenhuma espécie de instrumento que o auxilie para isto. Ademais, Rousseau acrescenta dizendo, que o homem no Estado de Natureza não teme espécie alguma de animal selvático, seu único temor são as debilidades naturais como a infância e a velhice (Idem, p. 40; 46 e 48).

Rousseau não poupa argumentos para definitivamente condenar o Contrato Social de Hobbes, como sendo responsável pelas moléstias do homem. Para Rousseau é no convívio em sociedade que surgem males sequer o indivíduo tenha chegado à velhice tais como: depressão pelo excesso de ociosidade ou de trabalho, doenças provocadas pela gula ou carência de alimentos ou de promiscuidade (Idem, p. 49). Vejamos como ele descreve: ... *“a maior parte de nossos males são nossa própria obra e que poderíamos evitá-los quase todos conservando a maneira de viver simples, uniforme e solitária, que nos foi prescrita pela natureza”* (Idem, p. 50).

Se a medicina - obra do Estado Civil - prescreve a dieta para seus pacientes é porque os mesmos exageram na gula, quando a dieta não resolve receita-se os remédios os quais trazem o equilíbrio ao corpo através dos efeitos colaterais que provocam; já no Estado de Natureza não havia nem a dieta e nem os remédios, porque os homens comiam aquilo que lhes era necessário para a sobrevivência (Idem, p. 50). Ademais, a vida em sociedade não só fez padecer aos homens, mas também aos animais, pois quando domesticados pelos homens perdem a robustez, a agilidade e padecem dos mesmos males que os homens padecem na sociedade (idem, p. 53).

Rousseau argumentou que Hobbes procura justificar o Contrato Social, por argumentar que o Estado de Natureza é violento e hostil e que provoca a desconfiança levando assim a Guerra de Todos Contra Todos. Para Rousseau estes argumentos não são válidos, pois basta examinar a própria natureza que mostra que as feras evitam o confronto físico ficando apenas ou na ameaça e depois desistem do confronto (Idem, p. 35). Rousseau afirma que o homem seguirá o exemplo das feras, pois não atacará outro homem para lhe tomar as posses, pois no Estado de Natureza não há posses, nem bens, nem propriedade privada, mas sim os homens são livres, se alimentam daquilo que a natureza lhes fornecem. No Estado primitivo, o homem não sabia cultivar a terra para plantar milho ou criar gado, logo esta noção de propriedade privada nem se quer existia na mente do homem selvagem (Idem, p. 59-61).

O homem selvagem por não ter adquirido a noção de propriedade privada era livre e podia ir e vir na vasta extensão da floresta. Não tinha local fixo para dormir, não havia nem se quer construído cabanas para protegê-los do frio, da chuva ou do sol. Não

havia também casamentos e nem uniões estáveis. Não existia a posse das mulheres, logo não havia crimes passionais. Os encontros se davam por acaso e as relações ocorriam por acaso e após o ato cada um dos pares seguiam caminhos opostos. Neste estado não havia a linguagem, não havia também nem a ideia de família estável, como a conhecemos hoje, pois os filhos assim que nasciam, não tardavam de se separarem de suas mães, pois já eram autossuficientes (Idem p. 65).

Rousseau demonstra também que se enganam aqueles que dizem que somos racionais, porque temos a linguagem, isto é apenas um juízo de valor para justificar uma discriminação, pois no Estado de Natureza o homem já era Racional e não tinha a linguagem. Rousseau volta aqui a fazer outra crítica ao especismo humano, o qual quer muitas vezes afirmar que somos superiores aos animais porque temos a linguagem (Idem, p. 65).

Rousseau advertiu que também se enganavam todos aqueles, que assim como Hobbes, acreditavam ferrenhamente que o Estado de Natureza era miserável. Segundo Rousseau a palavra miserável significava o sofrimento do corpo e da alma, mas que tanto um como o outro podem estar presentes em ambos os Estados, mas que predominavam em abundância no Estado Social, que é repleto pela concentração de renda nas mãos de muitos ao passo que temos uma multidão de famintos e que é no Estado Social que o homem entra em desespero e retira a própria vida (Idem, p. 72).

Para corroborar com o raciocínio acima dito, Rousseau diz que os crimes passionais (vingança dos amantes e duelos) são exclusivos do Estado Civil e nulos no Estado de Natureza, porque a moralidade cria uniões Estáveis, que gera ciúmes não só pelo amor, mas também por interesses, ao passo que no Estado Natural, tem-se apenas o desejo físico, que depois de sanado separa-se os pares. Que o amor só existe também no Estado Civil, foi mais uma destas criações morais, cujas mulheres foram as responsáveis pelo seu estabelecimento (Idem p. 81 e 85). Vejamos: *“Ora é fácil ver que o moral do amor é um sentimento factício nascido dos costumes da sociedade e celebrado pelas mulheres, com muita habilidade e cuidado para estabelecerem seu império”* (Idem, p. 82).

Rousseau argumenta também, que o homem no Estado de Natureza não pode ser considerado nem como bom e nem como mau, pois estas qualidades só podem ser pensadas no Estado Civil, o qual inventou uma moralidade que dita se isto é bom ou mau ou um bem ou um mal de acordo com esta moralidade que o Contrato Social denominou como correta. Com este argumento Rousseau quer negar mais uma vez os argumentos de Hobbes, o qual considerava o selvagem mau, porque o analisava de acordo com a moralidade que o homem no Estado Social acreditava que era a correta (Idem, p. 74).

Novamente contra Hobbes, Rousseau mostrou que o filósofo Inglês descrevia o homem como sendo mau, por ser livre e robusto, logo o mais forte não respeitaria os mais frágeis e os atacaria. Para Rousseau os animais são dotados de compaixão. Muitos passam com inquietação pelo cadáver do outro da mesma espécie. As mães alimentam e protegem a prole. Se estas são qualidades de seres taxados como irracionais, logo também as são aos seres racionais, o que leva a concluir que no Estado de Natureza havia a piedade e a compaixão, portanto o argumento de Hobbes estava mais uma vez equivocado, pois o convívio em natureza mostram não só atitudes piedosas, como também muitas impiedosas. Se fossemos tomar apenas as impiedosas, então seria correto taxar o homem no Estado Civil como mau (Idem, p. 76-7).

Se Hobbes considerou o Estado Natural como Mau, Rousseau considerará o Estado Social como também o sendo, pois é nele que há a servidão e a dominação. No estado de Natureza, se sou expulso de uma árvore procuro outra, se meu alimento está prestes a ser roubado, posso ou não optar pelo confronto. O homem no Estado de Natureza é ocioso, pois quando vê saciado seu desejo de fome ou sexual procura o repouso e não quer perder seu tempo subjulgando o outro, pois isto lhe retiraria do ócio, já que teria que vigia-lo. Ademais se um indivíduo é preso e consegue se soltar e fugir, jamais será capturado na imensidão da floresta e procurar o fugitivo é outra atitude laboriosa (Idem. P. 87-88).

Rousseau conclui que a servidão não cabe em hipótese alguma ao homem em Estado de Natureza, pois ele é independente, já no Contrato Social a sociedade torna os homens dependentes uns dos outros e a lei do mais forte torna verdadeira e necessária a

servidão do mais fraco em recursos a se submeter aos mais poderoso economicamente, o que resta a concluir definitivamente que na Sociedade Selvagem não havia nada de mau, porque não conhecia nem os vícios, nem as desigualdades, ao passo que na Civil a moralidade vicia os homens, basta ver que é por intermédio dela que se condena as mulheres a temerem o deboche da sociedade que as conduzem ao aborto. (idem p. 86 e 89).

Para dar o golpe final na Teoria do Contrato Social de Hobbes, Rousseau afirma que a desigualdade nasceu quando um determinado individuo cercou uma parcela de Terra e disse que ela era sua. Os demais homens que viram esta atitude fizeram pouco caso, mas outros homens foram cercando até que acabou por se formar o primeiro esboço de sociedade Civil, a qual seria definitivamente a desgraça do homem (Idem, p. 91). Vejamos na Integra como Rousseau descreveu:

O primeiro que, tendo cercado um terreno, se lembrou de dizer: Isto é meu, e encontrou pessoas bastante simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não teria poupado o gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: “Livrai-vos de escutar esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos, e a terra de ninguém!

Ao cercar a terra, outros homens começaram a imitar e disto tivemos a estabilização da família, com homem e mulher passando a ter deveres distintos. A linguagem já estava estabelecida e se tornaria mais ampla. Tem início as primeiras interações, que promovem o surgimento e a estabilização das primeiras sociedades. A desigualdade começa a surgir nesta nova fase, pois quem melhor caça, dança, constrói quer ser reconhecido. Nasce também a inveja, o ciúme, a vingança, a polícia, as leis, as punições, as quais só fizeram regredir o gênero humano (Idem, p. 98-103 passim).

Os homens que outrora errante, livres, agora reunidos em sociedade vão conhecer toda a espécie de desigualdade, como a exploração da mão de obra do trabalhador, a escravidão, a miséria, e principalmente o homem perdeu a Terra, que outrora era seu direito. Para Rousseau seria muito melhor que o homem ficasse eternamente no Estado de Natureza, pois a desigualdade só afeta o homem neste Estado Social (Idem, p. 104).

Os que cercaram a Terra impuseram ao outro a carência. Logo tudo aquilo que o homem retirava livremente da Natureza, está em posse daquele que a cercou. O que ficou desprovido de recursos se sujeita a oferecer sua força de trabalho aos donos da Propriedade privada. Surgem então diversas necessidades: uma que é do miserável que precisa sobreviver e a outra do proprietário de Terra que quer ampliar seus bens. Deste entrosamento os poderosos exploram os subordinados e os subordinados se submetem às humilhações dos poderosos. Surge um sistema que só é típico deste Estado Civil, em que o mais fraco, porém economicamente poderoso subjulga diversos homens muito mais fortes, porém desprovidos de recursos. Ademais, é na relação de trabalho que os subordinados começam a concorrer entre si e tornam-se rivais (Idem, p. 110 e 121).

Rousseau vai demonstrar também que a **Guerra de Todos contra Todos não está no Estado de Natureza**, como havia previsto Hobbes, mas sim que esta Guerra nasce com a assinatura do Contrato Social, pois na medida em que as relações de trabalho segregam os homens entre ricos e pobres, desta interação é que torna os homens avaros, ambiciosos, cínicos e maus, pois *“levanta-se entre o direito do primeiro ocupante, um conflito perpétuo que só termina por meio de combates e morticínios”*, tornando o homem mau, pois é no Estado Social que há muito mais mortes violentas do que os que houveram no Estado Natural (Idem, p. 116).

O Estado Civil Para Rousseau finge ser um bem que é dado aos homens, mas na realidade é um mal, uma mentira com o intuito apenas de domar os homens e transformá-los em escravos. Os Selvagens perceberam o mal que era viver neste Estado Social e não hesitaram de lutar até o fim de suas forças a repudiar o jugo de exploração, escravidão e desigualdade que lhes seriam dados. Assim Rousseau se expressou: *“quando vejo multidões de selvagens completamente nus desprezar as voluptuosidades europeias e arrostar a fome, o fogo, o ferro e a morte, para não conservar senão a sua independência sinto que não compete a escravos raciocinar sobre a liberdade”* (Idem, p. 121).

2.3 Crítica a Monarquia e exaltação à República.

Por fim, como já foi dito, Rousseau demonstrará que o Contrato Social, surge quando alguém cerca um lote de terra e diz: “Isto é meu”, o que leva outros homens a

fazerem o mesmo. Nisto surgem as diversas sociedades, que se caracterizam por Monarquia, Aristocracia, Democracia E República, as quais promulgarão uma Constituição para reger os súditos. A assinatura do Contrato Social se baseou de acordo com a disposição dos homens. As sociedades em que se destacava alguém como o mais poderoso economicamente deram-lhe então o cargo de Rei. As Sociedades que haviam uma pequena parcela que se destacava economicamente, eles próprios passaram a querer governar alternando entre eles próprios o poder, já os que eram mais ou menos iguais deram origem à democracia (Idem, p. 126 e 128).

As distintas formas e sistemas de governo tinham como o intuito não deixar que a Sociedade viesse a se dissolver. Em suma todos procuravam salvar o Estado, mas a ganância, as intrigas desgastavam o Estado e criava facções que queriam tomar o poder com o intuito de Salvar o Estado, atitude esta que fazia nascer as Guerras Civis marcadas por um sem fim de mortos, o que não deveria ocorrer, já que o Pacto Social queria por fim à Guerra de Todos contra Todos (Idem, p. 129). Vejamos, mais um argumento: ... *“as intrigas se introduziram, as facções se formaram, os partidos se acirraram, as guerras civis se ataçaram, enfim o sangue dos cidadãos foi sacrificado à pretensa felicidade do Estado e esteve-se a ponto de cair na desordem dos tempos anteriores”* (Idem, p. 129).

Rousseau considerava que a Monarquia foi o pior dos governos, porque quando ela se vicia, torna-se uma tirania. O soberano não vê em seus súditos cidadãos, mas sim verdadeiros escravos, pois no despotismo impera a Lei do mais forte o qual *“não suporta nenhum outro senhor desde que ele fala, não há proibidade, nem dever que consultar, é a mais cega obediência que é a única virtude que resta aos escravos”* (Idem, p. 130). O Déspota se vale da força para governar e é só pela força que é destronado. Neste sistema de governo impera o medo e a desconfiança, pois o Déspota é odiado por pelos fortes, fracos ricos e pobres. Surge como já dissemos as sedições e as Guerras Civis, que tiram o sossego do cidadão (Idem, p. 138).

Ao contrário de Hobbes que via a democracia como um governo que não trazia segurança, pois todos queriam mandar, o que limitava a proteção aos súditos, Rousseau por sua vez vai exaltar a Democracia como sendo o exemplo do qual o povo busca a liberdade e a felicidade comum, porque os súditos procuram estabelecer um contrato, no

qual ninguém pode estar acima da lei, mas sim todos abaixo da lei. *Para Rousseau a Democracia é o governo que repele o Déspota e o Tirano* (Idem, p.13).

Se a Tirania, na concepção de Rousseau é excludente tendo na democracia uma melhor opção, mas é a República que é a mais sublime dentre todas, porque os cidadãos para serem governados por uma República adquiriram um grau de maturidade elevado, pois nela o povo é livre e há muito repeliu a tirania, pois a liberdade que há muito viveram na democracia os levou a desenvolver um amor à pátria, fazendo com que desde o senil ao infante possam se aprazer em morrer por ela, quando a liberdade é posta em perigo (Idem, p.14-5).

Rousseau diz, que para se chegar a República é antes necessário passar pela Democracia. Para ele, os povos livres não podem ser governados por tiranos ou déspotas, porque a qualquer custo resistirão em querer entregar a liberdade; já os povos que há muito conheceram a tirania não podem receber de imediato à Democracia, pois se acostumaram a ser como gados guiados por um pastor. Para os tiranizados, a solução seria ir dando à liberdade aos poucos, para que aprendessem a andar com as próprias pernas e poder assim ter de fato um governo livre (Idem, p. 14).

Para Rousseau a República é melhor que a Democracia, porque conserva as leis antigas, porque antes de serem elaboradas são racionalmente descritas, para não serem facilmente descartadas e continuarem retas para o futuro, pois tudo aquilo que muda com constância não adquire respeito, mas sim desconfiança (Idem, 16).

O Prefácio do livro de Rousseau é um elogio à Genebra, como sendo o exemplo de República Perfeita a ser seguido pela humanidade, pois é virtuosa, os cidadãos não são promíscuos, as mulheres, zelosas esposas e aptas a constituírem uma família, logo dentre todos os males da Vida em Sociedade o pior é ser Governado por uma Monarquia, o Bom por uma Democracia e o excelente por uma República (Idem p. 27).

3. Conclusão.

Rousseau conclui que o homem em sociedade criou a moralidade que rotula todas as coisas ou em verdade, mentira, bem, bom, mal e mau, quando na realidade esta moralidade como todas as demais coisas em sociedade são criações do gênero humano,

que se fizer uma autorreflexão e interrogar-se a si próprio verá que não há razão alguma nas diversas regras da moralidade, como honra sem virtude, razão sem sabedoria, prazer sem felicidade, que os imbecis conduzem os sábios, que uma minoria goza da abundancia ao passo que a maioria da população encontra-se esfomeada ou passando necessidade. A moralidade do estado social é imoral, porque gera toda a espécie de desigualdade. (Idem, p. 139-41). Como Solução Rousseau apresenta como exemplo o homem selvagem a ser seguido como padrão ao homem social. Vejamos:

O homem selvagem... só respeita o repouso e a liberdade; só quer viver e ficar ocioso... Ao contrário, o cidadão sempre ativo, sua agitação atormenta-se sem cessar para buscar ocupações ainda mais laboriosas; trabalha até a morte, faz a corte aos grandes que odeia e aos ricos que despreza; nada poupa para obter a honra de servi-los (Idem, p. 138-9).

4. Referências

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem da desigualdade* – Edição eletrônica, disponível para consulta em: (<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>, em 12/11/2014) ¹.

¹ A origem das desigualdades foi também lida na íntegra em os Pensadores.